

4^a Parte

Discursos

A Poesia de Eduardo Fontes

Artur Eduardo Benevides

Amar a Poesia como forma de expressão maior dos nossos sentimentos, ou preservá-la da desumanização deste período finissecular, que muitos apontam como escatológico e teratológico, é um ato de fé na grandeza e superioridade do espírito humano, capaz de grandes saltos sobre o abismo, desde que esteja em sintonia com as cousas eternas e se mantenha fiel às suas fontes.

E não me refiro ao verso, apenas, que é um dos veículos de exteriorização do fenômeno poético, mesmo porque há muitos versos sem poesia. Esta, com sua perenidade e transcendência, é algo que se confunde com a própria beleza, como já entendia o nosso Farias Brito, o grande filósofo do Brasil, secundado, muito depois, por Jacques e Raissa Maritain, na França, que entendiam a poesia como o espírito de toda obra de arte.

Em termos de Literatura, porém, temos de raciocinar considerando o verso o receptáculo tradicional e mais adequado ao pensamento poético, ou casulo que guarda, nos séculos, a Poesia.

EDUARDO FONTES, a quem homenageamos nesta noite, sabe disso melhor do que ninguém, tratando a sua mensagem lírica com seriedade e demonstrando apreciável capacidade de realização artística, no tratamento lingüístico, metafórico e temático de suas criações, com resultados compensadores.

O seu livro – Alma de Poeta – lançado pela Coleção Alagadiço Novo, da Universidade Federal do Ceará, demonstra a sua ascensão poética pela força crescente de seu estro, com um nome respeitável e merecedor da atenção de quantos fazem ou lêem poesia no Ceará.

Sua linguagem é simples e seus temas são os mais diversificados, estando o livro dividido em três partes, ou três momentos significativos: Os Animais, O Homem e A Companheira, com páginas de boa construção técnica e conteudística, graças ao seu irrecusável talento e que lembram, de certa forma, o milagre do Gênesis.

E, com esse talento, que é um dom especial, Eduardo Fontes cria versos sinceros e espontâneos, de clareza meridiana e sem cair em qualquer prosaísmo estéril, evitando o experimentalismo nem sempre construtivo, ou inovações que saem de moda mais depressa do que chegam.

Francisco Carvalho, prefaciando-lhe o livro, observou que se trata de uma poesia de origem “nitidamente popular, razão pela qual é facilmente absorvida pelo leitor.” Na verdade, o poeta cria uma poesia serena e bela, com imagens felizes e temas que não envelhecem. Em linguagem moderna, dir-se-ia: sabe dar, e muito bem, o seu recado.

E assim vai compondo o seu Canto, que ecoa em muitas almas amantes da beleza e agrada por sua legitimidade ou autenticidade, tanto na escolha dos motivos centrais, quanto na realização formal, sempre segura. E o poeta exclama, a certa altura, para o mundo angustiado em que vivemos:

*Abra as janelas
da alma
e deixe a luz entrar!*

Com isso, “haverá um sorriso em cada canto” e o ser humano saberá visualizar e vencer todas as dificuldades que se apresentarem em sua caminhada. Vendo as cousas com grandeza, ternura e esperança, Eduardo Fontes vai construindo uma obra literária merecedora de encômios, como um dos nomes mais destacados de sua geração. E por isso estamos aqui para render-lhe a nossa homenagem e dizer-lhe que prossiga, confiante, pelo mundo das Letras, pois tem exata consciência do papel histórico dos poetas e escritores, em geral, nesta terrível Babilônia em que vivemos, à espera, porém, de um novo amanhecer, que traga o ser humano de volta a si mesmo e às suas nascentes eternas, depois de tantas experiências que agri-dem a própria condição humana.

E que a glória de muitos triunfos acompanhe o nosso Poeta em seu brilhante itinerário, como mensageiro fiel da Poesia, que,

se não pode salvar o mundo, pois essa não é sua missão, torna, pelo menos, mais bela e mais suave a vida, ofertando-nos os frutos da contemplação da beleza que existe nos seres e nas cousas. O que já é muito, de Homero aos nossos dias, no dorso dos séculos.

Parabéns, Eduardo!